

TEORIA *QUEER* NAS OBRAS DE BÁRBARA WAGNER E BENJAMIN DE BURCA

*Eixo Temático 01 - ET 01 - A Arte e suas Manifestações: Navegando
entre as Diferenças, Corpo(S), Gênero(S) e Sexualidade(S)*

Luiz Fernando Invernizzi Rosa ¹

RESUMO

O presente trabalho realiza um estudo sobre de que forma conceitos imbuídos na Teoria *Queer*, como corpo, gênero e sexualidade, estão presentes nas obras *Faz que vai* (2015) e *Swinguerra* (2019), da dupla Bárbara Wagner e Benjamin de Burca. A intenção é avaliar como corpos LGBTQIAP+ são retratados e expressam sua liberdade performática por meio desses trabalhos, que são construídos em conjunto com os artistas. A proposta também se constitui em alimentar uma cadeia de estudos que possuam uma visão *queer*, que olhem para realizações com essas temáticas e que colaborem para a fuga e/ou quebra de qualquer perspectiva heteronormativa.

Palavras-chave: Teoria *Queer*; Corpo; Gênero; Bárbara Wagner; Benjamin de Burca.

¹ Especialista em História da Arte: Teoria e Crítica e Comunicação e Cultura de Moda, ambas pelo Centro Universitário Belas Artes, e Graduado em Relações Públicas pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação – FAPCOM, lfinvernizzi@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A brasileira Bárbara Wagner (1980) e o alemão Benjamin de Burca (1975) trabalham em colaboração desde 2013 e desenvolvem obras multidisciplinares que envolvem videoinstalações, videoperformances, fotografias e curtas, e que dialogam com temas, como brasilidade, tradição versus contracultura, subversão, cultura popular, gênero, sexualidade e, principalmente, corpos marginalizados. Características essas que estão alinhadas e que dialogam com a contemporaneidade artística em que a dupla está inserida.

As corporeidades citadas são, em sua maioria, de pessoas negras, nordestinas e LGBTQIAP+. E são esses corpos que se tornam meio e suporte para as temáticas e debates mencionados, suas próprias expressividades culturais e intenções artísticas de Wagner e Burca.

Devido ao grande número de trabalhos apresentados pelos artistas, pelo recorte e interesse acadêmico do autor nos estudos da Teoria *Queer*, que abarcam pesquisas sobre corpo, gênero e sexualidade, serão analisadas as obras *Faz que vai* (2015) e *Swinguerra* (2019).

Faz que vai (2015) é uma videoinstalação de doze minutos que retrata quatro indivíduos dançando frevo, alinhado a outros estilos, em diferentes locais de Recife (PE). Um desses corpos é de uma *drag queen*, que recebe o foco desse estudo.

Já *Swinguerra* (2019) é um curta metragem de vinte e dois minutos, também filmado em Recife, que relata uma competição anual de dança, que ocorre desde o início de 2000, e a disputa entre os grupos participantes. Os ritmos mesclam swingueira e funk e são dançadas por pessoas LGBTQIAP+, com destaque para mulheres transexuais.

A partir desses elementos, postula-se que o objetivo geral desse estudo é entender como elementos da Teoria *Queer* estão presentes nas obras selecionadas de Wagner e Burca.

Os objetivos específicos são analisar como esses corpos *queer* são retratados e ouvidos, observar as performatividades apresentadas e avaliar como esses indivíduos se expressam por meio da dança.

Para que esses estudos se concretizem, faz-se necessário a apropriação de uma metodologia que alinha uma leitura crítica dos vídeos e de um referencial teórico que

envolve livros e artigos sobre Teoria *Queer*, corpo, gênero, sexualidade, performance e arte contemporânea.

Com essas bases, é importante observar como Wagner e Burca aplicam essas temáticas contemporâneas e conceitos em suas obras para criar junto de performers LGBTQIAP+, a fim de superar discursos e narrativas heterocentrados.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada envolve pesquisa explicativa alinhada à observação e análise minuciosa e crítica das obras *Faz que vai* (2015) e *Swinguerra* (2019) para compreender quais são os recortes e contextos retratados, as danças e músicas presentes e os corpos representados.

Para interpretar e refletir sobre esses elementos, apropria-se de uma revisão bibliográfica e do método conceitual-analítico, que envolvem fontes primárias e secundárias, como livros, artigos e outros textos sobre Teoria *Queer*, corpo, gênero, sexualidade, performance e arte contemporânea.

Dessa forma, essas metodologias são utilizadas para conectar ideias, traçar paralelos, debater cientificamente, não limitar resultados únicos, expandir respostas e possibilitar novos diálogos e trilhas de conhecimentos sobre os temas que estão em pauta.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para embasar a pesquisa, a trajetória do referencial teórico apresenta-se, inicialmente, compreendendo os percursos e os trabalhos de Wagner e Barbara por meio de uma entrevista que Marcos Grinspum Ferraz realiza com a dupla e o texto crítico de Calac Nogueira e Livia Lima.

Nesse sentido, é importante inferir sobre qual contexto artístico as peças eleitas estão inseridas. Com o entendimento de que essas encontram-se no cenário da arte contemporânea, seleciona-se Anne Cauquelin como a estudiosa para tratar dessa temática.

Ao aplicar uma lupa nesses pontos, apreende-se que há a concretização de uma performatividade (também) artística. Para tal, estuda-se performance a partir da perspectiva de Eleonora Fabião.

Com o corpo na centralidade dos projetos de Wagner e Burca, questiona-se sobre quais são esses corpos e infere-se que é uma corporeidade LGBTQIAP+. Portanto, apropria-se de estudos a respeito da Teoria *Queer*, corpo, gênero e sexualidade, com autores como Judith Butler e Paul Preciado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro entendimento que se faz dos trabalhos de Wagner e Burca, *Faz que vai* (2015) e *Swinguerria* (2019), é que esses se encontram na contemporaneidade artística. Por isso, as obras possuem algumas características dessa temporalidade: integração entre diferentes esferas artísticas e do conhecimento, o que gera uma multidisciplinaridade e hibridismo da arte (ou seja, uma junção de estéticas, como, no caso, o vídeo e a performance); “a arte não é mais emoção, ela é pensada”, como coloca Cauquelin (2005, p. 90); e representação de uma diversidade de corpos (políticos), gêneros e sexualidades, elementos que trazem novas histórias e temáticas.

Com esse pano de fundo, pode-se entender mais sobre as obras selecionadas. Inicia-se com os estudos de *Faz que vai* (2015) por um questão cronológica. Essa videoinstalação é dividida em quatro partes, uma para cada dançarino: Parte I - Ryan Neves, Parte II - Edson Vogue, Parte III - Bhrunno Henryque e Parte IV - Eduarda Lemos (Tchanna).

Esses corpos dançam ao ritmo do frevo (típico de Recife, onde os vídeos foram gravados), mas que se mistura a outros estilos, como o vogue, swingueira, funk e electro. A discussão, portanto, gira em torno da brasilidade e de sua expressividade, e da dialética entre cultura popular (tradição) e contracultura (subversão). “Acho que a gente procura entender esses fenômenos que parecem marginalizados, mas que na verdade têm um nervo central na nossa experiência de cultura”, informa Wagner (*apud* Ferraz, 2019). “Eles bebem o tempo inteiro dessa produção cultural central, ao mesmo tempo não precisam dela, não são dependentes do *mainstream* e dos meios de comunicação convencionais.”

Para alimentar ainda mais essas dicotomias, os artistas colocam corpos negros e *queer* na centralidade do debate. Esses corpos apresentam uma vontade performativa quando são ativados por meio de uma ação, a dança, que desagua em um acontecimento. Esse fazer performático é fruto da relação entre ser, existir em si mesmo, fazer e mostrar-se fazendo, ou seja, o performar em si, denotar a ação.

Ao performarem, esses corpos tornam-se sensoriais, políticos, receptores e transmissores, gênese de transformação, centro de agenciamentos, convenções simbólicas e culturais, subversivos, suporte, meio e lugar da arte.

O corpo que mais interessa em *Faz que vai* é o corpo de Rhyann Neves, que apresenta sua *drag queen*. É nesse momento que Wagner e Burca envolvem esse trabalho com conceitos da Teoria *Queer*.

Queer são aqueles que não estão em consonância com o “cistema” (sistema cisgênero, binário, heteronormativo, branco e colonial), que discordam, não seguem e questionam a normatização e padronização de corpos e performatividades.

A *drag queen* é uma luta política em forma de expressão artística que está inserida nesse contexto *queer*. Ao se montar, ocorre uma performance de gênero, ou seja, promove-se uma espécie de imitação constante e uma repetição efetivamente disruptiva para a hegemonia heterossexual.

O que as *drags* performam são os signos de um gênero, “um signo que não é o mesmo que o corpo que o representa, mas que, sem esse corpo, não pode ser lido”, pontua Butler (2020, p. 392).

Ao copiar um gênero, as *drag queens* revelam a estrutura imitativa desse mesmo gênero, promovendo uma desnaturalização do sexo e do gênero estabelecido pelos heterossexuais por meio de uma “performance que confessa sua distinção e dramatiza o mecanismo cultural da sua unidade fabricada”, postula Butler (2019, p. 237).

Dessa forma, Butler (2019, p. 26) comprova que o sexo passou de um dado da natureza para uma categoria social e culturalmente construída; assim, a sexualidade é tida como dispositivo sócio-histórico. E o gênero, de registro cultural e social para performatividade (temporalmente) construída e ritualizada, fruto de vieses políticos e culturais.

Todas essas ideias também se conectam a *Swinguerra* (2019), um curta metragem que retrata uma competição anual de dança, que ocorre desde 2000, em Recife. A disputa ocorre entre três grupos: aqueles que dançam swingueira nas quadras

de escolas públicas da capital pernambucana; os dançarinos de brega funk, que possuem suas raízes na swingueira; e os que fazem o “passinho do maloka”.

A disputa entre os participantes não ocorre apenas entre os grupos, mas, também, entre os integrantes de um mesmo estilo de dança e musical. O trabalho dá destaque a pessoas não-binárias e mulheres transexuais, como Eduarda Lemos, que já havia participado de *Faz que vai*.

A intenção fílmica é colocar esses indivíduos na centralidade do imaginário brasileiro, em que esses refletem, criticam e refutam um passado (recente e que paira com força nos últimos anos) tradicionalista e militar; constroem uma sociedade “contrassexual”, ou seja, não heterocentrada, como coloca Preciado (2017, p. 21); destroem o “cistema”; lutam e resistem por direitos e por suas próprias vidas.

Nesse sentido, percebe-se que os performers são conscientes de seus corpos, papéis e poderes ao construírem imagens disruptivas, que se fazem não marginalizadas e que se colocam cada vez mais como populares.

A partir desses pontos, Wagner (*apud* Ferraz, 2019) comenta que ela e Burca questionam a noção de dar voz a grupos que estão à margem, uma vez que esses possuem voz própria e “sabem muito bem como se apresentar”. Portanto, a dupla interessa-se em ouvir essas vozes e criar com elas, entendendo qual contribuição podem oferecer.

Sobre isso, Wagner (*apud* Ferraz, 2019) pontua que o registro fílmico que eles produzem “tem que ir para um outro lugar, que vem do encontro, do diálogo entre as nossas vontades de observar, de compreender e de questionar e a vontade artística deles, das pessoas com quem a gente colabora”.

Em *Swinguerra*, esses anseios são demonstrados por meio dança, que se constitui como “espaço performativo” de “um lugar de afirmação, ao mesmo tempo individual e cultural”, de acordo com Nogueira (2019). “O que Swinguerra afirma é um chamado no nível do corpo”, completa.

Essa performance reafirma o corpo como linguagem. E são esses corpos e performatividades que ultrapassam “os limites da pele do artista”, como postula Fabião (2008, p. 242), e que, alinhados ao gênero e sexualidade, se colocam como livres, independentes, experimentais, agentes que aguçam todos os sentidos humanos e resistentes ao “cistema”.

O gênero, por sua vez, fabrica-se como uma estilização e estetização reiterada desses corpos e um conglomerado de atos performáticos dramáticos, que contingenciam sentidos, intencionais ou não e repetidos.

Com essas abordagens, Wagner e Burca colaboram para o entendimento de que gênero é a “fantasia de uma fantasia, pela transfiguração de um outro que é desde sempre uma ‘imagem’ nesse duplo sentido”, como coloca Butler (2019, p. 238). É “uma alegoria de alguns conjuntos de fantasias incorporativas melancólicas que estabilizam o gênero”, completa Butler (2020, p. 389).

Para os corpos transexuais presentes em *Swinguerra*, Preciado (2017, p. 93) vai além da teoria sobre performatividade de gênero de Butler, pois, segundo ele, essa concepção se desfaz “prematuramente do corpo e da sexualidade, tornando impossível uma análise crítica dos processos tecnológicos de inscrição que possibilitam que as performances ‘passem’ por naturais ou não”. Ou seja, processos que evidenciam as “transformações físicas, sexuais, sociais e políticas dos corpos fora da cena” performática.

Destarte, nota-se que os corpos LGBTQIAP+ representados nos dois trabalhos realizam um processo de *queerização* social, político e cultural. Esses indivíduos provocam uma intervenção intencional no “cistema” com o objetivo de acabar com as formas viáveis de incorporação de gênero, produzindo uma nova plataforma sexual e afetiva que vai contra o binarismo imposto. E Wagner e Burca colaboram para a difusão desses procedimentos e da Teoria *Queer* ao empregar tais conceitos em suas obras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises de *Faz que vai* (2015) e *Swinguerra* (2019), pode-se afirmar que Bárbara Wagner e Benjamin de Burca alocam elementos que cerceiam a Teoria *Queer* para suas obras com o objetivo de conceitualiza-las, dar o tom, impactar, debater, proporcionar e gerar no espectador a reflexão necessária sobre corpo, gênero e sexualidade, tendo como pano de fundo a performance, culturas e subculturas.

Para tal, Wagner e Burca ouvem pessoas LGBTQIAP+ e criam junto delas. Esses indivíduos são retratados em forma de luta e resistência; expressam-se com liberdade; contam e recontam suas histórias por meio de seus corpos, arte e performatividade; questionam e refutam o “cistema”; são espaços políticos de



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

manifestações de discursos e práticas; e realizam um processo de *queerização* sociocultural.

Conclui-se, portanto, que esse estudo colabora para uma rede de trabalhos que analisa como a Teoria *Queer* se faz presente em peças artísticas da contemporaneidade e como os artistas apropriam-se de seus conceitos para dar forma a suas obras. A intenção também se constrói na *queerização* dos estudos acadêmicos e seus olhares, que ainda são, em sua maioria, focados em produções, discursos e narrativas heteronormativos.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Corpos que importam*: Os limites discursivos do “sexo”. 2ª ed. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*: Feminismo e subversão da identidade. 18ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2019.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea*: Uma introdução. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. *Sala Preta*, [S. l.], v. 8, p. 235-246, 2008. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v8i0p235-246. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57373>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

FERRAZ, Marcos Grinspum. *Sob as lentes de Bárbara Wagner e Benjamin de Burca*. 2019. Disponível em: <<https://artebrasileiros.com.br/arte/bienais/sob-as-lentes-de-barbara-wagner-e-benjamin-de-burca/>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

NOGUEIRA, Calac; LIMA, Livia. *Swinguerra*: O chamado do corpo. 2019. Disponível em: <<https://revistazum.com.br/radar/swinguerra/>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

PRECIADO, Paul. *Manifesto contrassexual*: Práticas subversivas de identidade sexual. 1ª ed. São Paulo: Ed. N-1, 2017.